

Estamos sendo tirados de nossas zonas de conforto para pôr nossos corpos em movimento. Lançando mãos das nossas matrizes cotidianas, conseguimos trabalhar e investigar nosso corpo enquanto estrutura física, mental e poética. Com disciplina, treino e dedicação, esse corpo resiste com resiliência aos giros, flexões, pulos e adquire a consciência de que é um corpo único, que faz arte, que é político, que dispara, que recua, que repousa.

Nosso objetivo é refletir a construção do corpo na cena contemporânea dentro da disciplina Atuação Cênica III. Então, buscamos, através de um treinamento físico, a nossa presentificação manifestada no *aqui e agora*. Através de exercícios que testam nossa resistência, ressignificamos o “cansaço”, transformando-o em energia ativa em um corpo desperto, atento e presentificado, para fazermos uso dele na composição de pequenas ações performativas.

A depender dos rumos do processo, é possível construir um experimento criativo que dialogue com as discussões contemporâneas sobre a o corpo em cena a partir do mergulho na obra “Há Mais Futuro Que Passado”, do catálogo da exposição “Mulheres radicais: Arte latino-americana, 1960-1985” e dos textos de Eleonora Fabião e Tatiana Motta Lima que temos discutido.

O corpo necessita de excitação, ser provocado, desafiado e ser colocado para além das salas de ensaio. Nas ruas, nos palcos, nos salões de festa, nos pátios e etc. O corpo bem treinado realizará sempre um bom trabalho e seus resultados serão permanentes.